

## OPINIÃO

## Entenda como as empresas brasileiras erram na escolha da infraestrutura de TI

Julio Dezan (\*)

No Brasil, é comum ver empresas que gastam milhões com tecnologia e, mesmo assim, enfrentam lentidão, quedas e retrabalho.

Quando isso ocorre, a culpa geralmente recai sobre “o sistema”, “a nuvem” ou “a equipe de TI”. Mas, na maioria das vezes, o problema está em outro lugar: na gestão e na escolha equivocada da infraestrutura.

**A cultura do “quanto menos gastar, melhor”**

É difícil dissociar investimento em TI da ideia de custo. Num cenário de dólar alto e orçamentos comprimidos, o discurso mais repetido nas reuniões de planejamento ainda é “reduzir despesas com tecnologia”. É e justamente aí que mora o erro.

Infraestrutura não é commodity. Escolher um ambiente apenas pelo preço pode parecer vantajoso no início, mas se torna caro à medida que o negócio cresce e a base não acompanha. É assim que times de TI acabam virando bombeiros, apagando incêndios, corrigindo gargalos e tentando manter sistemas de pé.

Um ambiente barato, mas mal planejado, cobra caro em instabilidade, downtime e perda de produtividade. Como mostra um levantamento da Datacenter Dynamics (2025), embora 68% das empresas brasileiras já tenham adotado IA, metade admite não ter infraestrutura adequada para suportar as novas cargas de trabalho. A conta não fecha porque a base é frágil.

**Cortar custo é bom, até o barato sair caro**

Reduzir despesa é saudável, desde que não comprometa a eficiência. Imagine uma empresa que migra para uma hospedagem mais barata, mas sem avaliar latência, segurança ou suporte. No papel, o custo cai. Na prática, o site cai junto.

Gestão de infraestrutura serve justamente para evitar esse tipo de armadilha. É ela que alinha decisões técnicas a indicadores de negócio, como

capacidade, continuidade, desempenho e custo-benefício real, e não apenas o valor da fatura no fim do mês.

**O erro clássico: ver infraestrutura como despesa e não como estratégia**

Quando a TI é tratada apenas como custo, o time trabalha na defensiva. A meta vira “gastar menos” em vez de “entregar mais valor”. E isso tem um preço alto.

Sistemas subdimensionados, baixa escalabilidade e falhas recorrentes são sintomas de uma mesma raiz: falta de visão estratégica. Em tempos de IA, dados e cloud híbrida, infraestrutura deixou de ser suporte e passou a ser base de decisão.

**Gestão de infraestrutura é inteligência de negócio**

Boa gestão não é só monitorar servidor ou abrir chamado. É pensar estrategicamente, entender aonde a empresa quer chegar e projetar uma infraestrutura que cresça junto. Planejar capacidade, automatizar rotinas críticas e medir desempenho com indicadores reais faz parte dessa inteligência.

Quando a gestão amadurece, o investimento deixa de ser baseado em achismo e passa a ser orientado por dados. E o custo, curiosamente, deixa de ser o problema e passa a ser consequência.

**Custo inteligente não significa custo baixo**

Toda empresa tem histórias de “economias” que saíram caras, como o servidor que caiu no lançamento, o backup que falhou, o storage “temporário” que nunca foi trocado. Esses erros não aparecem no orçamento, mas corrompem os resultados.

A saída é simples: adotar o custo inteligente. Investir de forma planejada, com visibilidade e controle. Isso porque o barato demais, no fim, é o que custa mais caro, em tempo, desempenho e crescimento.

(\*) Diretor de Operações da EVEO, empresa brasileira de tecnologia especializada em soluções de nuvem e data center, com mais de 25 anos de experiência em serviços de internet. E-mail: eveo@nbpress.com.br.

## Drones submarinos: a nova fronteira da guerra naval

Os drones utilizados na guerra da Ucrânia mudaram para sempre os campos de batalha terrestres.

Vivaldo José Breternitz (\*)

Agora, uma transformação semelhante está ocorrendo sob as águas: marinhas de todo o mundo correm para incorporar submarinos autônomos, veículos não tripulados capazes de vigiar rivais e proteger infraestruturas críticas.

A Marinha americana está destinando bilhões a programas nessa área, incluindo modelos lançados a partir de submarinos nucleares. A Marinha britânica planeja uma frota do que vem chamando UUVs (veículos subaquáticos não tripulados) que, pela primeira vez, assumirá papel central no rastreamento de submarinos e na defesa de cabos e oleodutos submarinos. A Austrália já anunciou investimento de US\$ 1,7 bilhão no projeto “Ghost Shark”, desenvolvido pela startup americana Anduril, para fazer frente à presença chinesa na região.

Segundo Scott Jamieson, diretor da BAE Systems, os submarinos autônomos representam “uma mudança completa na guerra subaquática”, destacando que esses drones permitem ampliar capacidades “a uma fração do custo dos submarinos tripulados”. A disputa por esse novo mercado coloca gigantes como BAE, Boeing e General Dynamics frente a frente com startups ágeis, como a alemã Helsing e a própria Anduril.

Essa é mais uma batalha da guerra pela supremacia marítima. Desde o lançamento do Nautilus, em 1954, os submarinos nucleares tornaram-se peças centrais das forças armadas de seis países, EUA, Rússia, Reino



Unido, França, China e Índia, com a Coreia do Norte possivelmente entrando nesse grupo em prazo não muito longo. O Brasil também pretende lançar em 2034 o “Álvaro Alberto”, seu primeiro submarino nuclear.

O “esconde-esconde” nos oceanos é constante, e a vigilância sobre a marinha russa tornou-se prioridade para a OTAN, especialmente no chamado “GIUK gap”, espaço marítimo entre Groenlândia, Islândia e Reino Unido.

Os drones subaquáticos também ganham relevância diante de ataques recentes a oleodutos e cabos de energia e internet; há também preocupações com a capacidade de atacar essas estruturas que vêm sendo desenvolvida pelos chineses.

Empresas como a Cohort e a Thales desenvolvem sensores e sistemas para integrar drones às frotas existentes. Os novos veículos podem carregar até cinco vezes mais sensores que submarinos convencionais, operando com menor consumo de energia e maior discrição e autonomia, além de não necessitarem de tripulações altamente treinadas. Mas especialistas alertam: embora mais baratos, os drones submarinos exigirão manutenção complexa.

O futuro da guerra naval, ao que tudo indica, será travado por máquinas ocultas nas profundezas.

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

## Sistemas de gestão e os benefícios para as empresas

De acordo com o relatório “ERP Trends 2025”, elaborado pela Panorama Consulting, 68% das empresas que implantaram sistemas de gestão integrados registraram aumento de eficiência operacional e redução média de 23% no tempo de fechamento contábil no primeiro ano de uso. O estudo apresenta dados consolidados sobre os impactos da digitalização na gestão empresarial, com foco em integração de processos e melhoria de desempenho. Esses números traduzem um movimento que observo na prática há mais de 15 anos: a tecnologia, quando associada à padronização de processos e a uma governança clara, transforma o fluxo administrativo e fortalece o controle financeiro.

Durante minha trajetória em empresas de setores distintos, da construção civil ao entretenimento digital, percebi que o sucesso na implantação de um sistema de gestão não depende apenas do software, mas da revisão dos processos internos e da adesão das equipes ao novo modelo. Quando assumi a coordenação financeira da ONERPm, por exemplo, o desafio era substituir controles manuais e planilhas descentralizadas por uma estrutura automatizada e rastreável. Nesse contexto, foi implantado o Conta Azul, um sistema de gestão empresarial 100% online voltado para centralizar rotinas financeiras, integrar informações contábeis, automatizar lançamentos e oferecer maior visibilidade sobre fluxos de caixa, custos e resultados. A integração do sistema Conta Azul ao fluxo contábil reduziu em até 70% o tempo de fechamento mensal e elevou a confiabilidade dos relatórios enviados à matriz nos Estados Unidos.

A experiência reforçou algo que aprendi ainda na construção civil, ao implantar o Lumina ERP, um sistema integrado de gestão empresarial voltado para organizar e automatizar processos de obras, compras, contratos, medições e controles financeiros em empresas do setor.



O Lumina ERP foi desenvolvido especificamente para a construção civil, oferecendo controle total de obras, orçamentos, contratos, estoque, equipe e fluxo de caixa em tempo real. Assim como outras plataformas de gestão, o Lumina ERP oferece uma visão centralizada das operações, permitindo maior precisão nos registros, rastreabilidade das informações e redução de retrabalho.

Essa vivência mostrou que a tecnologia precisa ser vista como meio, não como fim. O processo de digitalização exige um desenho criterioso das rotinas, definição de centros de custo e indicadores claros de desempenho. É nesse ponto que entram metodologias como o PDCA (Plan, Do, Check, Act), que aplico de forma sistemática na gestão de melhorias. O ciclo permite identificar gargalos, testar soluções, medir resultados e padronizar o que funciona, garantindo evolução contínua.

Entre os benefícios mais visíveis da integração de sistemas de gestão estão a redução de custos operacionais, a diminuição de erros de lançamento e a melhoria na tomada de decisão estratégica. Quando

todos os departamentos trabalham sobre a mesma base de dados, a empresa ganha agilidade e previsibilidade, fatores essenciais em um ambiente de margens apertadas e concorrência globalizada. Além disso, a automação de rotinas libera tempo das equipes para atividades analíticas e de planejamento, elevando o nível de maturidade da gestão.

Outro ganho relevante é o fortalecimento do compliance. Sistemas bem estruturados permitem rastrear aprovações, controlar alçadas, registrar histórico de decisões e assegurar conformidade com normas contábeis e regulatórias. No Brasil, a adequação à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e às boas práticas de governança corporativa demanda exatamente esse tipo de controle, que evita riscos jurídicos e reputacionais. Essa perspectiva é reforçada pelo relatório “Global Compliance Survey 2025”, da PwC, que destaca a importância da padronização de rotinas para mitigar inconsistências contábeis e fiscais.

(Fonte: Eduardo Tognini Fernandes é coordenador financeiro da ONERPm, com mais de 15 anos de experiência em administração e finanças).

## News@TI

## Pier lança Seguro Celular

@A Pier, seguradora com a missão de mudar a relação dos brasileiros com os seguros, anuncia oficialmente a chegada do Seguro Celular ao canal corretor. O produto, que já protege mais de 100 mil usuários em todo o país, passa agora a ser comercializado também por profissionais que já atuavam com o Seguro Auto da companhia e é um lançamento desenvolvido a partir da solicitação dos próprios parceiros. Com essa movimentação, a empresa segue mirando R\$ 250 milhões em faturamento em 2025 - um crescimento de 60% em relação ao ano anterior, com breakeven e geração de caixa. O Seguro Celular da Pier é 100% digital, sem carência, sem fidelidade e com reembolso em dinheiro ao segurado. Entre os grandes diferenciais, está a tecnologia Pier Bolt, que utiliza Inteligência Artificial (IA) para realizar 30% das devoluções em cerca de 1 segundo. O produto também oferece cobertura internacional, protege celulares comprados no exterior (sem necessidade de nota fiscal) e aparelhos usados, independentemente do tempo de uso (<https://pier.digital/>).

## Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

## Jornal Empresas &amp; Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.